

---

---

**OS COMUNISTAS NO BRASIL:  
AS REPERCUSSÕES DO VI CONGRESSO DA  
INTERNACIONAL COMUNISTA E A PRIMEIRA INFLEXÃO  
STALINISTA NO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (PCB)**

---

---

**RICARDO ANTUNES**

**INTRODUÇÃO :**

O entendimento da gênese ou da primeira inflexão stalinista em nosso país nos remete às origens daquele fenômeno na União Soviética. Pode-se dizer que entre as perversidades operadas pelo stalinismo, uma delas foi a que converteu uma revolução singular, ocorrida num país que era elo débil da cadeia monopólica, um país de *tipo asiático*, em uma *revolução universal*. A particularidade histórica russa, marcada pela complexidade de um país atrasado que articulava formas capitalistas, feudais e asiáticas - e que, em termos marxianos, poderia no máximo converter-se em *ponto de partida*, no Oriente, para a ocidentalização da revolução - tornou-se, dada a derrota e a impossibilidade crescente das transformações revolucionárias na Europa avançada, pouco a pouco, em *modelo de classicidade* revolucionária. A idéia leniniana de que a Rússia deixaria "em breve de ser um país modelo" e voltaria "a ser novamente um país atrasado (no sentido 'soviético' e socialista)" foi convertida, pela formulação de Stalin, em uma *revolução universal*, modelo a ser seguido pelas demais forças comprometidas com o socialismo<sup>1</sup>. Em franco contraste com Lenin, a concepção staliniana converteu o desenvolvimento revolucionário russo em um desenvolvimento *clássico*; tal modelo de classicidade haveria de impregnar o movimento comunista nos demais países.

As teses de Marx, reafirmadas por Lenin, Rosa Luxemburgo e com maior ênfase por Trotsky, de que a revolução teria uma dimensão universal e que encontrava suas condições propícias no Ocidente, uma vez que tenderia a levar à ruptura um conjunto expressivo de países avançados, foram absolutamente transfiguradas. Nasceu, além do modelo de classicidade atribuído à particularidade russa, a tão conhecida tese do "socialismo num só país". Negação aguda da formulação de Marx, presente desde pelo menos a *Introdução à Crítica da Filosofia do Direito*

---

Nota do autor Agradeço ao Professor João Quartim de Moraes pela leitura e comentários ao texto.

<sup>1</sup> Lukács, G., *Ontologia Dell'Essere Sociale I*, Editori Riuniti, Roma, 1976, p. 361.

de Hegel e a Ideologia Alemã<sup>2</sup>, a tese do "socialismo num só país" ganhava, frente às derrotas das revoluções no Ocidente, o estatuto *taticista* de fundamentação teórica. Marx, Engels e especialmente Lenin passaram a ser usados como elaboradores ou coonestadores da tese do "socialismo num só país".

Esta dupla formulação - a do caráter universal e clássico da Revolução Russa e aquela que valida a possibilidade do socialismo num só país - penetrou inicialmente no interior do PC soviético. Derrotado Trotsky, esta tese penetra no interior da Internacional Comunista e, de forma avassaladora, para o conjunto do movimento comunista internacional<sup>3</sup>.

Claudin sintetiza precisamente este processo: "A teoria do socialismo num só país se converte em doutrina oficial da IC ( uma vez que o trotskismo foi posto para fora da lei na União Soviética e nos partidos comunistas de todos os países) e passa a ser o princípio diretor da concepção da revolução mundial formulada no programa aprovado no VI Congresso (1928). A desigualdade do desenvolvimento econômico e político é uma lei absoluta do capitalismo. Esta desigualdade se agrava e acentua na época imperialista. Disto resulta que a revolução proletária internacional não pode ser considerada uma ação única, simultânea e universal. A vitória do socialismo é possível, no início, em alguns países capitalistas, inclusive num só país tomado isoladamente"<sup>4</sup>.

Era a vitória do taticismo de Stalin frente à formulação teórica de Trotsky. Já "um ano e meio antes do VI Congresso, o Comitê Executivo da IC adotara plenamente a posição de Stalin. Na resolução aprovada

---

<sup>2</sup> A título de ilustração: "Empiricamente, o comunismo é apenas possível como ato dos povos dominantes, 'súbita' e simultaneamente, o que pressupõe o desenvolvimento universal da força produtiva e o intercâmbio mundial conectado com o comunismo". Em *A Ideologia Alemã*, Grijalbo, SP, p. 51. Esta dimensão tem sido enfatizada com muita pertinência por István Mészáros: "A revolução social vitoriosa não poderá ser local ou nacional...Deverá ser *global/universal*, o que implica a necessária superação do Estado em escala global". Ver "Il Rinnovamento del Marxismo e L'attualità storica dell'offensiva socialista", em *Problemi del Socialismo*, jan/fev/1982, Milão, Itália, p. 60.

<sup>3</sup> Desde 1905 Trotsky apontava para a impossibilidade de êxito, posterior às revoluções, do socialismo nos países atrasados, tese que fica ainda mais consistente em seu pensamento ao longo dos anos 20.

<sup>4</sup> Claudin, F., *A Crise do Movimento Comunista*, vol. I, Global Editora, SP, p. 73

pelo VII Pleno Ampliado do Comitê Executivo, celebrado em novembro/dezembro de 1926, pode-se ler: O partido comunista (bolchevique) da URSS tem perfeita razão ao praticar uma política de edificação do socialismo, com a plena certeza de que a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas possui no interior do país tudo o necessário e suficiente para construir uma sociedade socialista integral<sup>5</sup>.

As consequências agudas e nefastas desta concepção staliniana são enormes: convertida em fundamento teórico da estratégia da Internacional Comunista, a teoria do "socialismo em um só país" significava a subordinação das possibilidades da Revolução Mundial às exigências erigidas pela URSS visando à constituição do *seu* socialismo<sup>6</sup>. Como a direção da IC era intimamente subordinada à concepção staliniana, as ações dos movimentos comunistas dos demais países atavam-se irremediavelmente - pela intermediação da IC - à propositura staliniana. O fenômeno intenso da stalinização dos PCs já começava a ganhar corpo, na verdade, desde o V Congresso (1924). Por ocasião da eleição do C.E.I.C., ao final do Congresso, Trotsky e Radék foram excluídos da lista. Era, como lembra E. Carr, a primeira sanção formal a que Trotsky fora submetido<sup>7</sup>. Ao contrário, Stalin selava, com sua eleição para o C.E.I.C., a sua predominância, ao mesmo tempo em que se desenvolvia, com intensidade, a tese da "bolchevização" dos PCs, ou mais precisamente, do "partido bolchevique mundial". Esta concepção está estampada nesta exposição feita durante o V Congresso: "Estamos decididamente contra uma desbolchevização do partido russo e pela criação de um partido bolchevique mundial, no que deve transformar-se a Internacional Comunista, inspirada pelo espírito de Lenin"<sup>8</sup>. A "bolchevização" dos partidos comunistas - e o conseqüente combate às teses de Trotsky - sob inspiração staliniana e stalinista, estava lançada. A

---

<sup>5</sup> Idem, p. 98/99, nota 56.

<sup>6</sup> Idem, p. 75.

<sup>7</sup> Carr, E., "El V Congreso de la Internacional Comunista", *Cuadernos de Pasado y Presente* 55, 1975, p. 28.

<sup>8</sup> Fragmento do discurso de Treint, cit. por Carr, op. cit., p. 28. Ver também Milos Hájek, "A Bolchevização dos Partidos Comunistas", em Hobsbawm, E., *História do Marxismo*, VI, Paz e Terra.

Resolução sobre o Informe do C.E.I.C. exigia "a bolchevização dos partidos comunistas, fiéis executores das diretivas de Lenin, e ao mesmo tempo capazes de levar em conta as situações concretas de cada país". E a Resolução sobre tática avançava ainda mais: propugnava pela "bolchevização dos partidos e a formação de um partido único mundial" como "a tarefa central do período atual"<sup>9</sup>. Com Lenin morto, e Trotsky sofrendo fortes sanções e restrições, a "bolchevização" constituiu o primeiro passo para a stalinização do movimento comunista internacional.

Supressora das particularidades, erigindo a revolução Russa em *modelo de classicidade*, elaborando e "teorizando" sobre o "socialismo num só país", subordinando os PCs à hegemonia ou à dominação staliniana, tudo isso fez com que, conforme disse Lukács, a prioridade de fato da tática fosse elevada à condição de teoria marxista autêntica. Em contraste com Marx e Lenin, a teoria não mais constituía o fundamento intelectual das principais táticas, mas algo pensado "à posterior" como mera justificativa que se apresentava como se fosse a continuação, a aplicação linear da teoria marxista<sup>10</sup>.

Era o reinado perverso do *taticismo*, um dos aspectos básicos do stalinismo, que permeou, através da IC, o movimento comunista a partir do final dos anos 20 e início dos 30. E o VI Congresso da IC, ao tematizar a questão latino-americana, possibilitou que esta concepção impregnasse também os PCs do mundo colonial.

#### **A INTERNACIONAL COMUNISTA: ENSAIOS E ERROS SOBRE A QUESTÃO LATINOAMERICANA.**

É sabido que a questão latino-americana esteve efetivamente ausente, no seio da IC, até pelo menos a realização de seu VI Congresso, realizado entre 17 de julho e 1 de setembro de 1928, quando pela primeira vez destinou-se um capítulo a ela.

---

<sup>10</sup> Lukács, G., *L'Uomo e la Democrazia*, Ed. Lucarini, 1987, Roma, p. 79.

<sup>9</sup> Carr, op. cit., p. 28.

A questão colonial, em sentido genérico, teve seu primeiro aparecimento durante o II Congresso da IC, voltada especialmente para os países do Oriente. A China e a Índia moldavam-se como protótipos do mundo colonial e para aqueles países voltava-se a IC, numa época em que sua atuação ainda privilegiava intensamente as possibilidades de Revolução no Ocidente. A América Latina não foi sequer considerada nas Resoluções do II Congresso. O esquecimento deste lado do mundo colonial era tal que, anos depois, no V Congresso da IC, em 1924, pôde-se constatar o seguinte registro de descontentamento por parte do delegado do PC Mexicano: "A importância da América Latina para os Estados Unidos é imensa, porém não é reconhecida nem por Zinoviev, nem pelos comunistas dos Estados Unidos"<sup>11</sup>.

Outra expressão deste desconforto dos comunistas latino-americanos pôde ser encontrada quando da realização do VI Congresso, ocasião em que Lacerda, delegado do PCB, ousou fazer um contraponto a Bukharin: "Desejaria iniciar com uma pequena observação. Lê-se nas teses do camarada Bukharin que o movimento comunista chegou pela primeira vez aos países da América Latina. Camaradas, isto não é muito exato. Não foi o movimento comunista que chegou pela primeira vez na América Latina, foi a Internacional Comunista que pela primeira vez se interessa pelo movimento comunista na América Latina"<sup>12</sup>.

Foi somente neste VI Congresso que, pela primeira vez, elaborou-se um capítulo voltado para a questão latino-americana e as estratégias a serem adotadas pelos partidos comunistas dos respectivos países. Isso se explica, por um lado, pelo fracasso da insurreição de Cantão, comandada pelo Komintern, e também pelo avanço da presença norte-

---

<sup>11</sup> Claudin, F., *La Crise del Movimiento Comunista*, Ed. Ruedo Ibérico, 1970, p. 203. Data desta época a criação do Bureau Latino-americano da IC, funcionando o Partido Comunista Argentino como ponto de contato para os PCs deste continente. Pouco antes, em 1922, o suíço Alfred Stiner havia sido designado como responsável da IC para assuntos latino-americanos.

<sup>12</sup> "O VI Congresso da Internacional Comunista, Informe y Discusiones", *Cuadernos de Pasado y Presente* 67, 1978, p. 82.

americana na América Latina, frente ao declínio inglês<sup>13</sup>. Este Congresso contou com a representação latino-americana composta pelos PCs da Argentina, Brasil, Uruguai, Cuba, Paraguai, Equador e Colômbia, muitos dos quais eram partidos recém constituídos.

Além do Relatório de Kuusinen, sobre o mundo colonial, coube a Humbert-Droz, secretário da IC e chefe do seu Secretariado para a América Latina, a apresentação de um co-relatório voltado para o Novo Continente. Representando o PCB estavam os militantes Paulo Lacerda, Leôncio Basbaum e Heitor Ferreira Lima<sup>14</sup>.

As Teses sobre o Movimento Revolucionário nas Colônias e Semi-colônias começavam enfatizando que "...o enorme mundo das colônias e semi-colônias converteu-se em um foco inextinguível do movimento revolucionário de massas"<sup>15</sup>. Partindo de referências à China, Índia e Indonésia - onde particularmente nos dois últimos países a situação era entendida como favorável às possibilidades revolucionárias - o VI Congresso voltou sua atenção para o mundo latino-americano, acentuando-se que nesta região o imperialismo norte-americano já relegava o inglês a um plano de inferioridade. Constatou-se a existência de insurreições camponesas, greves operárias, que estampariam o aprofundamento dos processos revolucionários no mundo latino-americano, contrários à dominação imperialista. A acentuação da contradição entre a política imperialista no mundo colonial e a busca de um desenvolvimento autônomo dos povos coloniais encontraria suas possibilidades de ação através das massas trabalhadoras. Frente ao catastrofismo capitalista, a inevitabilidade da crise permitia "...a

---

<sup>13</sup> Ver Antunes, R., *Classe Operária, Sindicatos e Partido no Brasil*, Ed. Cortez, Cap. V, utilizado como referência de pesquisa neste texto. Ver também Del Roio, M., *A Classe Operária na Revolução Burguesa*, Oficina de Livros, SP, p. 96 e segs e Pinheiro, Paulo Sérgio, *Estratégias da Ilusão*, Cia. das Letras, SP, especialmente item III.

<sup>14</sup> Veja-se Lima, Heitor F., *Caminhos Percorridos*, Ed. Brasiliense, a mais sugestiva e documentada das memórias de militantes, no que se refere às relações PCB e IC na viragem dos anos 20/30. E também Prado Jr., Caio, *A Revolução Brasileira*, Ed. Brasiliense, pioneira análise crítica dos equívocos da IC para a América Latina. Ver especialmente cap. II.

<sup>15</sup> "O VI Congresso..., Teses, Manifiestos y Resoluciones", op. cit., p. 188.

possibilidade objetiva de um desenvolvimento não-capitalista nas colônias atrasadas", o que seria possível através da instauração dos *soviets*<sup>16</sup>.

O mundo colonial era assim concebido: num pólo encontravam-se as colônias que absorveram a população excedente das metrópoles e que se constituíram em prolongamentos do sistema capitalista. O Canadá e a Austrália tipificam esta modalidade de origem colonial. Noutra pólo encontravam-se aqueles países coloniais que desde sua origem vivenciavam formas de exploração metropolitana e que se constituíram enquanto núcleos fornecedores de "matérias primas", áreas de investimento de capitais ou mercados consumidores. Nas primeiras - as "colônias de imigração" - reproduzia-se a estrutura de classes existentes nos países de origem, sendo que os interesses das burguesias locais identificavam-se em boa medida aos das burguesias hegemônicas nas metrópoles. Já nas "colônias de exploração" os interesses das burguesias imperialistas "travam ao fim e ao cabo o desenvolvimento das forças produtivas das respectivas colônias"; "se a exploração colonial pressupõe certa promoção do desenvolvimento da produção das colônias, este desenvolvimento, graças ao monopólio imperialista, segue um caminho muito determinado e só é promovido na medida em que isso corresponda aos interesses da metrópole..."<sup>17</sup>.

Neste ponto encontrava-se, para a análise presente no VI Congresso da IC, a dimensão decisiva do mundo colonial: este via-se tolhido para buscar um desenvolvimento autônomo e acabava por desempenhar funções de apêndice econômico do mundo imperialista; os produtos dos trabalhos dos assalariados drenavam-se para as burguesias dos países centrais<sup>18</sup>.

Eram bastante acentuadas, entretanto, as similitudes entre a contextualidade latino-americana e o mundo asiático, em particular a China e a Índia: "Da mesma forma que em todas as colônias e semi-colônias, o desenvolvimento das forças produtivas e a socialização do

---

<sup>16</sup> Idem, p. 192/194.

<sup>17</sup> Idem, p. 198.

<sup>18</sup> Idem, p. 199.

trabalho na China e na Índia estão em um escalão relativamente baixo. Esta circunstância e o jugo da dominação estrangeira, igualmente a existência de fortes resíduos de feudalismo e de relações pré-capitalistas, determinam o caráter da próxima etapa da revolução nestes países..., revolução democrático-burguesa, vale dizer, da etapa de preparação dos pressupostos para a ditadura proletária e a Revolução Socialista"<sup>19</sup>.

E, apesar de conceber essa revolução democrático-burguesa no mundo colonial como "organicamente vinculada à *luta nacional de libertação*", através dela dar-se-ia o rompimento dos laços de subordinação ao imperialismo, realizando a nacionalização das concessões, ferrovias, bancos etc; pretendia-se também obter a unidade nacional onde esta ainda não houvesse sido conquistada, objetivando-se ainda a destruição do poder das classes exploradoras e a organização de conselhos operários e camponeses - os *soviets* - bem como a criação do exército vermelho e a instauração da ditadura do proletariado e do campesinato, com a hegemonia do primeiro. Enfatizava-se também a importância da revolução agrária como forma de libertação do campesinato frente às formas pré-capitalistas, coloniais e escravistas e propugnava ainda a nacionalização dos sub-solos, além da necessidade de ampliar os sindicatos operários e fortalecer os partidos comunistas<sup>20</sup>.

Era evidente que, além da contextualidade chinesa e indiana que moldavam a visão colonial para o universo latino-americano, já estava presente no seio da IC um forte *taticismo* marcado pelo "oportunismo de esquerda", onde a tática da luta de *classe contra classe*, concebida para o cenário europeu, transplantava-se sem mediações para o mundo latino-americano. Decorre em boa medida desta impropriedade, o fato de que, ao mesmo tempo em que se falava em "revolução democrático-burguesa", em "luta de libertação nacional", propugnava-se também a instauração dos *soviets* de operários, camponeses e soldados. Taticismo "esquerdista" da fase da luta de *classe contra classe*, que passou a impregnar, pouco a pouco, os PCs do mundo colonial, e dentre eles o PC brasileiro. Lembre-se que a tática da *classe contra classe* tinha como

---

<sup>19</sup> Idem, p. 205.

<sup>20</sup> Idem, p. 205.



Movimento Communista. Organ do Partido Comunista (S.B.I.C.). São Paulo, 1923: 21-22. Banco de Imagens do AEL.



Fundadores do PCB (1922). De pé (da esquerda para a direita): Manoel Cendón, Joaquim Barbosa, Astrojildo Pereira, João da Costa Pimenta, Luiz Pérez e José Elias da Silva. Sentados: Hermogênio Silva, Abílio de Nequete e Cristiano Cordeiro.

contraponto o entendimento de que a socialdemocracia era vista como aliada do fascismo e, portanto, principal inimiga dos comunistas.

Tese equívoca ao extremo, e que contou com a oposição de expressivas figuras do movimento comunista internacional, como Lukács, que nas "Teses de Blum" (1928), contestava agudamente a formulação política staliniana, sendo por isso tachado de "socialdemocrata". "Estas teses não têm nada a ver com o bolchevismo", dizia o Comitê Executivo da IC à propósito das Teses de Blum<sup>21</sup>. Lembre-se ainda a nítida dessintonia entre a formulação gramsciana sobre a "guerra de posição", num momento em que a IC falava da luta de *classe contra classe*, na sua variante stalinista. Trotsky, por sua vez, fez também contundente crítica à tese que visualizava a socialdemocracia como aliada do fascismo. E se a tese da *classe contra classe* e do *social-fascismo* mostraram-se equivocadas - *na verdade o contexto mundial era fortemente defensivo* para as forças de esquerda e francamente contra-revolucionário - o transplante destas formulações para o mundo colonial estampavam limpidamente as impropriedades e descaminhos que marcaram a atuação da IC, depois da vitória staliniana. E os PCs no mundo colonial, fragilizados e débeis, acabaram por se mostrar incapazes de evitar a penetração avassaladora das novas teses da IC. Exemplo disto encontramos na proposição que estabelece que os comunistas deveriam "tomar parte ativa e geral do movimento revolucionário de massa dirigido contra o regime feudal e contra o imperialismo, inclusive onde este movimento estiver sob a direção da pequena burguesia. Para isso os partidos comunistas não têm que se subordinar sob nenhuma circunstância a seus aliados temporários"<sup>22</sup>. Suas orientações deveriam pautar-se por um programa cujas principais reivindicações seriam: expropriação dos latifúndios; confisco das empresas estrangeiras; cancelamento da dívida externa; regulamentação da jornada de 8 horas; armamento dos operários e camponeses visando às milícias populares e a instauração do "poder

---

<sup>21</sup> Há um fragmento das "Teses de Blum" publicado na revista *Temas 7*, Ed. Ciências Humanas. Ver também Trotsky, *Revolução e Contra-Revolução na Alemanha*, Ed. Ciências Humanas, 1979.

<sup>22</sup> O VI Congresso..., op. cit., p. 238.

soviético de operários, camponeses e soldados em substituição à dominação de classe dos fazendeiros e Igreja. Na agitação comunista a consigna governo *operário e campones* deve ocupar o lugar mais importante, por oposição aos assim chamados governos 'revolucionários' da ditadura militar da pequena burguesia"<sup>23</sup>. Desse modo, os comunistas do mundo colonial estariam combatendo a política colonial socialdemocrata aliada ao imperialismo<sup>24</sup>.

A análise que sustentava a tese da fase crítica do capitalismo teve em Bukharin o seu principal formulador. Partindo do pós-guerra, entendia o capitalismo a partir de três períodos: o *primeiro*, de crise revolucionária aguda, abrangendo as várias situações revolucionárias ocorridas desde o fim da Primeira Guerra até os anos 20/21, e que teve na Revolução Russa e Alemã seus momentos mais significativos. O *segundo* marcou uma fase ofensiva do capitalismo, frente às derrotas de várias tentativas revolucionárias e, conseqüentemente, significou uma fase defensiva do proletariado. Apesar disso, houve algumas situações revolucionárias em países coloniais e semicoloniais, como China, Síria e Marrocos. O *terceiro período* caracterizou-se, de um lado, e inicialmente, por uma ampla reorganização capitalista, através de um intenso processo de monopolização e desenvolvimento técnico e, ao mesmo tempo, pelo "crescimento das forças opostas ao capitalismo" e pelo "desenvolvimento extremamente intenso" das suas contradições. O aguçamento da luta de classes e a iminência de uma "situação revolucionária" acabaram, por sua vez, por agravar o "quadro geral da crise capitalista". Lembre-se ainda que, segundo Bukharin, existiam três tipos de países: aqueles de capitalismo *muito desenvolvido*, aqueles com um desenvolvimento capitalista *médio*, como a Iugoslávia e a Romênia e os *coloniais e semicoloniais*<sup>25</sup>.

---

<sup>23</sup> Idem, pp. 238/9.

<sup>24</sup> Idem, p. 241.

<sup>25</sup> Bukharin, N., "La Situación Internacional y las Tareas de la Internacional Comunista", VI Congreso, Informes y Discusiones, op. cit., 9/11,29 e 153. Ver também Schlesinger, Rudolf, "La Internacional Comunista y el Problema Colonial", *Cuadernos de Pasado y Presente* 52, p. 106.

Houve várias manifestações, por parte de representantes latino-americanos, no sentido de avançar um pouco mais na busca da particularidade destes países, através de formulações que, muitas vezes, opunham-se ao esquematismo vigente no seio da IC. No Informe da delegação latino-americana sobre o Programa da IC, disse o delegado pelo Equador: "Parece-me que o programa não dá uma fisionomia própria ao desenvolvimento do capitalismo nos países coloniais e naqueles chamados semicoloniais"<sup>26</sup>. Em alguns países, como o Brasil e a Argentina, a denominação semicolonial era insatisfatória: "É muito importante estabelecer uma distinção entre países semicoloniais e aqueles que, à falta de um termo melhor, podem ser chamados de 'dependentes'...Deve-se então aceitar uma nova categoria adjunta aos três grupos de países classificados no programa de acordo com seu desenvolvimento econômico e grau de dependência política. Este novo grupo estaria constituído pelos países 'dependentes', que estão penetrados economicamente pelo imperialismo, mas conservam uma independência política bastante grande, seja devido a uma penetração econômica débil, seja devido à sua força política"<sup>27</sup>. No contra-fluxo das posições da IC, os representantes latino-americanos questionavam a validade da proposta de revolução democrático-burguesa nos países 'dependentes', recusou-se a identificação direta dos latifúndios a relações de feudalidade. Estes, ao contrário, foram concebidos como expressão de frações da burguesia e postulou-se acerca da necessidade de alianças com os camponeses e a pequena burguesia, formulações que encontravam fortes resistências no interior da IC.

O Informe da Humbert-Droz, "Sobre os Países da América Latina", expressão dos equívocos da IC para o mundo latino-americano, afirmava a necessidade - mesmo reconhecendo a diversidade existente no continente - de "estabelecer a linha tática geral que devemos dar à nossa ação comunista, à ação revolucionária em geral na América Latina", tendo

---

<sup>26</sup> O VI Congresso..., "Informe de la Delegacion Latino-americana sobre el Programa da Internacional Comunista", Ricardo Paredes, op. cit., p. 176.

<sup>27</sup> Idem, p. 178/9.

como parâmetros alguns traços comuns existentes nos países do novo continente<sup>28</sup>.

Sua exposição reafirmava, em contraposição a outras exposições de comunistas latino-americanos, o caráter "semi-colonial" de países como Chile, Argentina e Brasil, que apesar de dotados de "um certo desenvolvimento industrial, demonstram que seu progresso econômico não é independente..., demonstram que estes países são semicolonias dos imperialismos inglês e norte-americano"<sup>29</sup>.

Frente ao real desconhecimento das particularidades do mundo latino-americano, o caminho encontrado pelo VI Congresso da IC, sob hegemonia stalinista, consistia em formulações generalizantes, abstratas e equívocas. Recusava-se concretamente uma política de alianças com a pequena burguesia; não se dava a necessária ênfase à aliança com o campesinato e, o que é ainda mais grave, não se operava uma nítida distinção entre os países asiáticos e os da América Latina, entre os países "coloniais e semicolonias" e os "dependentes". O *taticismo* forçara o enquadramento dos PCs latino-americanos aos pressupostos "teóricos" da formulação staliniana e stalinista; as revoluções do mundo colonial subsumem-se aos momentos e possibilidades da Revolução Russa, concebida como via *clássica* e *universal* do caminho para o socialismo. A tese do "socialismo num só país" ganha estatuto de um *dogma* intocável e os PCs, que ensaiavam e intentavam investigações com alguma pertinência, tiveram suas virtualidades intensamente sufocadas. Foi, como veremos a seguir, o que se passou com o PC brasileiro.

#### A VIRAGEM DO PCB RUMO A STALINIZAÇÃO: DO III CONGRESSO AO ENTENDIMENTO DA REVOLUÇÃO DE 1930

O PC brasileiro teve, desde sua origem, uma trajetória singular, que o distancia de um significativo conjunto de partidos comunistas de

---

<sup>28</sup> Humbert-Droz, "Sobre los Países de América Latina", VI Congresso..., op., cit., p. 301.

<sup>29</sup> Idem, p. 302.

outros países. O primeiro aspecto comumente destacado é aquele que alude à sua origem a partir do anarcosindicalismo. Fruto do relativo esgotamento desta corrente, presente no movimento operário brasileiro nas primeiras décadas deste século, o PCB teve como núcleo dirigente um conjunto de ex-militantes egressos do anarcosindicalismo e que, pouco a pouco, sob o impacto da Revolução Russa, abraçavam o ideário comunista. Isto faz aflorar o fato de que o PCB não se originou como desdobramento da ruptura clássica entre socialistas e comunistas, entre os adeptos da II e da III Internacionais. Em nosso país praticamente inexistiu um movimento socialista expressivo antes da formação do PCB<sup>30</sup>. A ausência de uma tradição socialista anterior fez praticamente do PC brasileiro a primeira experiência. Deve-se acrescentar ainda o fato de que aquele partido não vivenciou anteriormente uma sólida cultura burguesa, que pudesse ser ponto de partida para sua superação crítica. Essa conjugação de elementos - a gênese anarcosindicalista, a ausência de uma tradição socialista e de uma cultura burguesa - marcaram a singularidade do processo constitutivo do PCB, nos anos 20. *Agrarismo e Industrialismo*, de Octávio Brandão, é expressão quase única de um ensaio que estampava as limitações acima aludidas e refletia a concepção que dominava os comunistas brasileiros quando da realização de seu II Congresso, em 1925: "As teses sobre a situação política nacional baseavam-se na concepção dualista 'agrarismo-industrialismo' dominante na direção do Partido. Falava-se aí em luta entre o capital agrário semifeudal e o capitalismo industrial moderno, como sendo a contradição fundamental da sociedade brasileira após a República"<sup>31</sup> o primeiro, o "capitalismo agrário semifeudal", apoiado pelo imperialismo inglês, e o segundo, o "capitalismo industrial", apoiado pelo norteamericano<sup>32</sup>.

A esta evidente fragilidade e mecanicidade do "marxismo brasileiro" mesclou-se outro elemento, externo, que pouco a pouco se sobrepôs aos esforços que aqui se faziam no sentido de *esboçar* um

---

<sup>30</sup> Ver, entre outros, Hecker, Alexandre, *Um Socialismo Possível (A Atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo)*, T.A.Q. Editor, SP.

<sup>31</sup> Pereira, A., *A Formação do PCB*, Ed. Vitória, 1962, p. 66.

<sup>32</sup> Conforme documento "Os Congressos do PCB", p. 3.

entendimento da concretude brasileira. Esse elemento foi dado pela ação da IC que, a partir da morte de Lenin, começou a vivenciar um intenso processo de stalinização, que teve repercussões agudas e ásperas no conjunto do movimento comunista internacional. E o PCB não permaneceu imune a este influxo. Toda a tematização, oriunda do II Congresso do PCB, de fevereiro de 1925, no sentido de impulsionar uma política de união operário-camponesa, consubstanciada na criação do Bloco Operário e Campones (BOC), em 1928, foi alvo de forte dose crítica, quando da realização do III Congresso do PCB, entre 29 de dezembro de 1928 e 4 de janeiro de 1929. Lembre-se que este Congresso é posterior ao VI Congresso da IC e já é possível constatar que suas resoluções se aproximavam de algumas teses centrais que estavam dominando o cenário comunista internacional ao final da década de 20. Cremos que é exatamente neste momento que se dá o *primeiro influxo* stalinista no PCB.

O III Congresso assim caracterizou o momento brasileiro: "... o exame objetivo da situação econômica, política e social do país, no momento presente, faz prever uma conjuntura revolucionária, que poderá resultar da coincidência de vários fatores: 1) a crise econômica consequente a uma catástrofe na política do café; 2) crise financeira ligada à crise econômica e resultando diretamente do fracasso do plano de estabilização monetária artificialmente sustentado por meio de empréstimos onerosos; 3) crise política vinculada ao problema da sucessão presidencial brasileira (1930)..."<sup>33</sup>.

A economia brasileira continuava, entretanto, predominantemente agrária, "semifeudal", e "semicolonial": "O Brasil é um país semicolonial. Penetrando nele o imperialismo, adaptando a economia do país ao seu próprio interesse, apóia-se nas formas de exploração feudais e semiescravagistas, baseadas no monopólio da terra"<sup>34</sup>. E acrescenta, referindo-se à disputa interimperialista: "Como fator fundamental no reagrupamento de forças internas, mais e mais se há feito sentir a pressão externa do imperialismo. Pressão dupla e antagônica. Até a guerra

---

<sup>33</sup> Pereira, A., op. cit., 144 e seg. e "Os Congressos...", op. cit., p. 5.

<sup>34</sup> III Congresso, em Pereira, A., op. cit., p. 120.

mundial, dominava no Brasil, sem contraste, o imperialismo inglês; porém, de então para cá entrou em cena o jovem imperialismo ianque, irresistível rival daquele. Seculares eram as ligações de dependência da burguesia agrária e conservadora do Brasil em relação ao imperialismo britânico; daí que o imperialismo norte-americano, como primeira etapa em seu plano de penetração, tenha procurado apoiar-se na burguesia industrial, pretensamente liberal, mais jovem, mais ambiciosa e mais ousada. O agravamento dessa dupla e contraditória pressão externa não podia deixar de acentuar, como acentuou, como acentua cada vez mais, os antagonismos das forças sociais internas, aumentando a exploração e a opressão das massas laboriosas em geral. Tal a causa primordial dos descontentamentos populares acumulados nestes últimos anos e que explodiram nas revoltas de 5 de julho"<sup>35</sup>.

Como desdobramento desta análise, o III Congresso do PCB desenvolveu a concepção teórico-política da *Terceira Revolta*: os levantes tenentistas de 22 e 24, seguidos da Coluna Prestes, questionavam o Estado republicano, através da ação central da pequena burguesia e abriam a possibilidade para a "terceira explosão revolucionária", mais aguda e radical, desencadeada pelas massas e tendo o Partido Comunista como dirigente<sup>36</sup>.

Essa visualização de uma *possibilidade revolucionária* no Brasil, já estava presente em abril de 1928, nas Resoluções da Conferência Sindical Latino-Americana, conforme se pode constatar: "O movimento proletário da América Latina atravessa atualmente um período de tempestuoso desenvolvimento. Isto se explica, antes de tudo, pela rápida industrialização de toda a América Latina e pela pressão que exerce o imperialismo inglês e americano sobre as massas populares de todo o continente". E acrescentava: "... a situação objetiva é muito favorável para o desenvolvimento e ação da classe operária" e "para o crescimento e organização dos sindicatos, devido a que existe uma *efervescência revolucionária contínua, quase incessante*, em todos os países da América

---

<sup>35</sup> Congressos do PCB", op. cit., pp. 5/6.

<sup>36</sup> Idem, p. 5.

Latina, efervescência que é o reflexo de uma transição que se opera do regime feudal e de servidão, ao regime burguês e capitalista"<sup>37</sup>.

Creemos que esta análise da situação brasileira, entendida como de *incessante efervescência revolucionária*, é muito mais uma *sobreposição* da leitura que se consolidava no seio da IC, no seu VI Congresso, do que da caracterização que os comunistas do PCB procuravam fazer da realidade brasileira. A crise que aqui se vivenciava - real - não poderia ser esquematicamente convertida em *crise revolucionária*, não fosse esta uma proposição política vigente no VI Congresso. Concretamente, esta concepção descartava uma política de alianças com a pequena burguesia e não enfatizava, com o devido peso, a aliança com os trabalhadores do campo. O resultado da stalinização "de esquerda" do final dos anos 20, impediu que os comunistas do PCB desenvolvessem, com alguma eficácia, as suas formulações gestadas em meados daquela década. Havia, especialmente, uma resistência forte aos "equivocos" de uma política de alianças, consubstanciadas através do BOC: "Muitos perigos, que rondavam o BOC desde o início, acentuaram-se com o correr do tempo, e entre eles o 'eleitoralismo', campo aberto à proliferação de oportunistas e carreiristas da pior espécie. Na discussão interna que se travou no Partido, em 1928, uma das questões mais acesamente debatidas foi a do BOC e os erros consequentes cometidos na política eleitoral do Partido. Outro perigo, mais grave ainda, consistia numa certa tendência a não só esconder o Partido por trás do BOC, mas fazer o Partido dissolver-se em suas fileiras. O exame e o debate de tais perigos levou o III Congresso do Partido... a tomar importante resolução sobre o BOC, visando precisamente a corrigir os erros e desvios constatados"<sup>38</sup>.

Parece evidente, portanto, que estava se efetivando o primeiro consistente influxo stalinista em nosso país. Realizado quase quatro meses após o VI Congresso da IC, o III Congresso do PCB previa uma "conjuntura revolucionária", com possibilidades de vitória da "terceira

---

<sup>37</sup> *O Trabalhador Latino-Americano*, Revista Quinzenal de Informação Sindical, Órgão Oficial do Comitê Pró-Confederação Sindical Latino-Americana, Ano I, nº 1 a 5, 15 de novembro de 1928 (grifos meus).

<sup>38</sup> Pereira, op. cit., pp. 102/3.

revolta", então sob condução das massas operárias e direção do PCB. Reafirmava-se o caráter "feudal" do nosso país, via-se na disputa interimperialista o eixo da questão nacional e criticava-se a política de frentes populares, da qual o BOC era a expressão política<sup>39</sup>. Lembramos, entretanto, que este foi o *primeiro influxo*. Ainda assim, as resoluções deste III Congresso foram veementemente criticadas pela IC, em reuniões realizadas em Moscou, em fins de 1929, contando inclusive com a presença de Astrojildo Pereira. Foram qualificadas como expressando a submissão à pequena burguesia e por isso condenadas<sup>40</sup>.

Nos anos imediatamente posteriores, o PCB assimilou plenamente as proposições presentes no seio da IC, que levou ao sufocamento das tendências que estavam se gestando desde meados dos anos 20, e que tiveram em Astrojildo Pereira e Octávio Brandão seus principais inspiradores. É exemplo desta tendência o texto de Astrojildo Pereira, onde defendia como condução própria para o PCB a "idéia de uma aliança com a vanguarda revolucionária da pequena burguesia que encabeçara os movimentos de 22 e 24". A base desta formulação política era dada pela concepção de "revolução democrática pequeno-burguesa", de Octávio Brandão, tendo como pólo dirigente o proletariado<sup>41</sup>.

Vale lembrar que a resposta da IC veio rapidamente, através de um artigo de Humbert-Droz que contrapunha-se claramente ao de Astrojildo. Embora Droz não descartasse a aliança com a pequena burguesia, propugnava pela "dualidade de poder": "...o movimento revolucionário do proletariado criará a ditadura democrática dos operários e camponeses, poder surgido do seio mesmo das massas no decurso da luta, apoiado nos *soviets* de operários, camponeses e soldados. A palavra de ordem central deve ser, então, a do governo operário e camponês", através da constituição de uma "união federativa das repúblicas operárias e camponesas para a América Latina"<sup>42</sup>.

---

<sup>39</sup>Veja-se o Informe de Humbert-Droz, em "O VI Congresso...", op. cit., p. 319, com agudas críticas ao BOC.

<sup>40</sup>Ver Lima, Heitor, F., op. cit., pp. 103 e segs.

<sup>41</sup>Pereira, A., "O PCB e sua Ação", *La Correspondência Sudamericana*, Buenos Aires, 15/09/1928.

<sup>42</sup>Humbert-Droz, "O Movimento Revolucionário na América Latina", Buenos Aires, 30/09/1928.

Era evidente que, pouco a pouco, se moldava no PCB uma concepção que cada vez mais se distanciava da política de aproximação com a pequena burguesia e de uma primeira tentativa de entendimento do quadro brasileiro, por certo bastante insuficiente, pelos elementos que marcaram a gênese do PCB e do "marxismo brasileiro". Operava-se uma adaptação às concepções vigentes na IC, especialmente após a viragem realizada no seu VI Congresso, tanto em relação ao movimento comunista dos países avançados, quanto em relação ao mundo latino-americano, que pela primeira vez efetivamente constava da pauta de um Congresso da IC.

E essa *primeira inflexão* stalinista no PCB se fortaleceu nos dois anos seguintes, o que se evidencia na análise que o Partido fez da Revolução de 30. Pouco a pouco a ambiguidade, fruto do confronto entre sua postura anterior e as novas concepções da IC, foi sendo substituída por uma assimilação acrítica dos esquemas vigentes no centro hegemônico do movimento comunista.

Um exemplo desta ambiguidade aflora quando se constata, através de Octávio Brandão, que era imperioso ampliar a ação do BOC, buscando a adesão da pequena burguesia sob a liderança de Prestes. A crença de que se poderia introduzir um elemento revolucionário nos revoltosos da Coluna, através da presença do proletariado, ainda estava presente no interior do PC: "Tendo em vista a sucessão presidencial e suas consequências políticas e sociais, a luta contra os imperialistas e contra os grandes proprietários, especialmente os grandes agrários, deve constituir a base de uma aliança entre o proletariado com Luis Carlos Prestes"<sup>43</sup>.

Essa tentativa de implementar uma proposta de frente popular estava, entretanto, em descrédito no interior da IC, o que levou a intensificação da crítica por parte desta última, através da Secção Latino Americana.

Em abril de 1930, a IC elaborou a "Resolução da Internacional Comunista sobre a Questão Brasileira", "resultado de um sério exame, a

---

<sup>43</sup> Brandão, O., "A Sucessão Presidencial", *Diário Carioca*, 30/01/1929, em Carone, E., *O Movimento Operário no Brasil (1877/1944)*, Difel, p. 517.

que se produziu em Moscou, da situação do Brasil e do PCB". Ela traçava, "em forma concisa, diretivas claras e firmes para toda a atividade política do Partido no período atual"<sup>44</sup>. Constatava que a produção nacional estava "minada por uma crise profunda, proveniente do caráter colonial da economia brasileira e da crescente contradição entre desenvolvimento rápido do modo de produção capitalista e a base econômica e social, que ainda se conservava feudal e escravagista". Este fato, aliado à crise econômica dos EUA, ameaçava de maneira catastrófica a nossa economia, agravada pela "luta entre o imperialismo inglês e americano, e da intervenção, nessa luta, das diversas classes da população no Brasil", criando "as condições indispensáveis para um vasto movimento das massas trabalhadoras". A intensificação da crise econômica, o agravamento das condições de vida das classes populares e a disputa interna entre as classes dominantes em função de seus vínculos com os dois blocos imperialistas, criavam as condições "para o rápido amadurecimento da situação revolucionária no Brasil. Isto significa que o PC do Brasil deve, desde agora, preparar-se para a luta, a fim de poder encabeçar a insurreição revolucionária das grandes massas trabalhadoras, que tanto pode eclodir por ocasião das eleições presidenciais, como por ocasião de qualquer greve importante ou de qualquer sublevação local de operários agrícolas, de camponeses ou de desempregados". O sucesso da revolução dar-se-ia na medida em que contasse com a hegemonia operária em oposição à hegemonia burguesa.

E, uma vez mais recusando a concepção anteriormente vigente no interior do PCB, a Resolução afirmava: "No Partido prega-se abertamente a teoria da 'revolução democrática pequeno-burguesa', sob cuja cobertura o proletariado poderia preparar-se para a conquista do poder (Camarada Brandão). Esta teoria menchevista, antileniniana e antimarxista nega a hegemonia do proletariado na revolução democrático-burguesa, como garantia essencial contra sua derrota e como a melhor preparação do proletariado para a conquista do poder". E, após criticar asperamente o BOC, concluía o Documento propugnando pela revolução agrária, pela

---

<sup>44</sup> *A Classe Operária*, 17/04/1930. As citações seguintes referem-se a este documento.

<sup>45</sup> Idem, p. 3. Ver argumentação similar em Borodine, Saul, "La Situation Politique et le Mouvement Ouvrier Revolutionnaire au Brésil", *La Correspondance Internationale*, nº 66, 1930, p. 872.

libertação do domínio imperialista e constituição de uma república operária e camponesa à base dos *soviets*<sup>45</sup>.

Estando cada vez mais em nítida sintonia com as teses da IC para a América Latina, os comunistas do PCB distanciavam-se crescentemente do tenentismo dissidente, liderados por Prestes, o que impossibilitou uma aliança real destes setores às vésperas da revolução de 30<sup>46</sup>. O resultado foi isolamento e incompreensão, pelo PCB, da processualidade brasileira no período que culminou com a Revolução de 30. E, uma vez desencadeado aquele movimento político-militar, o PCB, sob agudo influxo da IC, persistia em sua análise: "A revolução que estourou no Brasil e que progride vitoriosamente sob a direção da 'Aliança Liberal' é uma revolução preparada e financiada pelo imperialismo *yanquee* contra o governo atual dos grandes proprietários agrários, principalmente os plantadores de café - ligados ao imperialismo inglês..."<sup>47</sup>. Acreditava-se que, no bojo desta crise pudesse se gestar a proposta de um governo operário e campones, sob condução do PCB.

O que se viu, entretanto, foi um movimento ao qual o PCB permaneceu sem ação, distanciado e isolado. Incapaz de consolidar uma política de alianças com os setores médios (e em especial com o tenentismo dissidente), o PC, pela adesão às teses da IC, não conseguiu compreender efetivamente a realidade aqui vivenciada. Sua concepção catastrófica de crise econômica e da conseqüente ruptura revolucionária, não encontrou concretude no solo brasileiro no final dos anos 20. E no início de 1931, o *influxo* stalinista era tão evidente que o Secretariado Latinoamericano da IC assim se expressou: "O Plenum do CC do PCB tinha muita razão quando declarava que ... 'sem uma luta encarniçada contra os elementos prestistas, trotskistas, aliancistas, etc, não pode existir um partido comunista que mereça tal nome', que represente realmente a linha da Internacional Comunista"<sup>48</sup>. Estava selado, em nosso entendimento, o primeiro consistente *influxo stalinista* no seio de PCB.

---

<sup>46</sup> Sobre a relação Prestes e o PCB neste período ver Antunes, R., op. cit., pp. 156 e 159.

<sup>47</sup> Par un Latino-américain, "A Propos des Événements du Brésil", *La Correspondance Internationale*, nº 86, 1930, p. 1110.

<sup>48</sup> "El P. Comunista del Brasil frente a los Proximos Combates", *Revista Comunista*, Órgão Teórico del Secretariado de la Internacinal Comunista, año 1, nº 2 e 3, enero y febrero/ 1931, p. 21.